

## AS TRÊS GRAMÁTICAS: UMA UNIDADE NA TRINDADE

Prof. Augustinus Staub

Trabalho apresentado no VI Seminário Brasileiro de Linguística, realizado em Brasília de 31 de julho a 2 de agosto de 1972

- I — A GRAMÁTICA TRADICIONAL  
Histórico e Características
- II — O ESTRUTURALISMO DESCRITIVO  
Histórico e Características
- III — ALGUNS PRECURSORES DA GRAMÁTICA ESTRUTURAL
- IV — PRINCIPAIS OPOSIÇÕES ENTRE A GRAMÁTICA TRADICIONAL E A GRAMÁTICA ESTRUTURAL
- V — A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL  
Histórico e Características
- VI — ALGUNS PRECURSORES DA GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL
- VII — PRINCIPAIS OPOSIÇÕES ENTRE A GRAMÁTICA ESTRUTURAL E A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL
- VIII — CONCLUSÕES

### I — A GRAMÁTICA TRADICIONAL

#### Histórico e Características \*

Iniciada pelos Gregos, imitada fielmente pelos Romanos, mantida na Idade Média, a Gramática Tradicional foi renovada pelo Renascimento e conserva a sua vigência e vitalidade até os nossos dias.

A Gramática Tradicional admite uma correção na Língua, correção absoluta como a matemática. A medida da correção são regras muito bem definidas. Em consequência, os fatos lingüísticos são classificados em legítimos e ilegítimos. Numa palavra, ela é prescritiva e normativa. Para os

\* As traduções de citações são do autor do artigo.

gramáticos tradicionais, o Latim é a língua mais lógica das línguas do mundo. As regras de gramática do Latim devem servir de base para as línguas vernáculas.

A Gramática Tradicional define as classes de palavras, adotando, de preferência, os critérios semântico e funcional. Interessa-a o significado e não a forma. Produziu obras bastante completas no que concerne a estrutura sintática. As partes do discurso são definidas de acordo com a sua função na frase declarativa.

A Gramática Tradicional manifesta uma preferência para o estudo de pontos isolados. É a causa de as Gramáticas Tradicionais, em geral, serem muito volumosas, pois os detalhes são muitos.

## I — O ESTRUTURALISMO DESCRITIVO

### Histórico e Características

Neste trabalho, o Estruturalismo Descritivo passará a chamar-se de Gramática Estrutural ou simplesmente Estruturalismo. No sentido amplo do termo, "estrutural" é toda a gramática que tenta uma descrição sistemática da estrutura de uma língua. Todas as gramáticas, portanto, têm algo de estrutural.

Na Europa, o Estruturalismo teve a sua origem principal na pessoa de Ferdinand de Saussure, de Genebra, em Troubetzkol, Jakobson e outros da Escola de Praga.

Martin Joos<sup>1</sup> aponta o ano de 1925 como o início do Estruturalismo nos Estados Unidos. Surge definitivamente com a obra de Bloomfield "Language"<sup>2</sup>. Muitos autores consideram "Sound Patterns in Language"<sup>3</sup>, de Edward Sapir, o artigo básico do Estruturalismo Americano. Reveste-se, na América, de uma reação contra a Gramática Tradicional, dogmática. Teve o seu reconhecimento amplo após a Segunda Guerra Mundial. Zellig S. Harris, em "Methods in Structural Linguistics"<sup>4</sup>, marca o seu apogeu e o desenvolvimento metodológico e teórico mais perfeito e mais rigoroso. Os Estruturalistas fixam as atenções sobre inventários de elementos e sobre o exame de variantes contextuais. Derivam as suas regras de um conjunto de dados, conhecido entre linguistas, como um "corpus". Podem constituir um "corpus", uma coleção de diálogos, gravados em fitas magnéticas, uma coleção de cartas, artigos, livros escritos por autores diversos, etc. Os Estruturalistas tentam organizar e descrever um inventário linguístico. Gravam orações, ou melhor, uma amostra de orações, que ocorrem numa determinada língua, e descrevem as suas características. Para Lepschy

1 Martin Joos. Subtítulo de "Readings in Linguistics". American Council of Learned Societies, New York, 1958.

2 Bloomfield. Language, Henry Holt and Company, New York, 1933.

3 Language, 1 (1925): 37-51

4 Chicago, 1951.

"o ideal científico da lingüística pós-bloomfieldiana parece ser o seguinte: colocar, entre o locutor e o ouvinte, um espectógrafo, ligado a uma calculadora para registrar cada vibração de ar, medí-la, analisá-la e classificá-la, estabelecendo, assim, sem intervenção externa, por processos puramente mecânicos, uma análise fonêmica, morfêmica e sintática completa"<sup>5</sup>.

Na Gramática Estrutural, as generalizações concernentes à linguagem são indutivas e não dedutivas.

Para os Estruturalistas, a Língua é, antes de tudo, fala, e só então escrita. Esta é a simbolização da fala e não vice-versa.

O Estruturalismo se desinteressa dos fatos evolutivos e se refugia resolutamente na sincronia.

Na análise lingüística, os Estruturalistas iniciam na forma para, através desta, atingir o significado. A técnica de investigação Estruturalista consiste em colecionar os dados, analisá-los e, em seguida, relatar os resultados. Os Estruturalistas procuram, assim, produzir uma análise sistemática dos períodos falados, ou escritos, por um falante nativo.

Quanto à correção, os Estruturalistas não se comprometem. Julgam-se incapazes de fazer observações a seu respeito. Para eles, a correção lingüística é relativa e não absoluta. No Estruturalismo, o 'correto' é sinónimo de aceitável. O 'incorreto' é sinónimo de socialmente não aceitável.

As considerações concernentes ao significado são restritas na Gramática Estrutural.

As classes de vocábulos e suas subclasses só podem ser identificadas pelas suas características formais e sintáticas. Todos os esforços no sentido de definir as classes vocabulares, tomando como ponto de partida o significado, estão, na opinião estruturalista, condenados ao fracasso. São definições falsas e circulares.

Para os Estruturalistas, as línguas diferem entre si. Em conseqüência, acentuam a importância dos padrões lingüísticos individuais, valorizam os dialetos geográficos e sociais e reconhecem os registros ocasionais.

## III — ALGUNS PRECURSORES DA GRAMÁTICA ESTRUTURAL

O mandamento estruturalista foi, inicialmente, formulado por Anaxágoras:

"Nada é isolado e tudo participa de tudo".

O antidogmatismo e a função normativa da gramática foi condenada por muitos. Horácio já havia observado que o uso era a única norma da fala. Montaigne acreditava que todo aquele que combatia o costume com a gramática, não passava de um louco.

5 G. C. Lepschy. La Linguistique Structurale. Paris, Payot, 1968, p. 185.

Em 1747, Johnson descobriu que os gramáticos e os lexicógrafos

"não criam, mas registram a linguagem; não ensinam os homens como deveriam pensar, mas relatam como, até então, expressavam os seus pensamentos"<sup>6</sup>.

A Johnson também devemos uma técnica de grande utilidade. Convinco de que não poderia formular certas regras, passou a dar exemplos concretos para mostrar significados e formas. Como autoridade apresentava citações e, desse modo, estabeleceu que o uso faz a língua. O costume, na opinião de Johnson, é a única corte capaz de decidir sobre assuntos lingüísticos.

Em 1589, Puttenham<sup>7</sup> já expunha uma série de idéias essencialmente estruturalistas, que podem ser resumidas da seguinte forma:

1 — uma língua é essencialmente fala, criada para a compreensão comum, aceita, de comum acordo por todos;

2 — as regras gramaticais devem ser o resultado de observações codificadas;

3 — a língua, e não a fala, é a base da gramática,

4 — uma língua não é corrompida pelos hábitos lingüísticos dos seus falantes;

5 — o falante nativo não pode ter problemas lingüísticos, a não ser no caso de desorientação, causada pelo esnobismo, pela timidez ou pela vaidade.

Whitney<sup>8</sup> considerava a gramática uma ciência. Na sua opinião abolida, ela não se impõe regras e leis à linguagem, mas relata, de um modo ordeiro, os fatos da boa linguagem.

Henry Sweet, um estruturalista prematuro, escreve:

"Ao considerarmos o uso da gramática como um corretivo ao que chamamos 'expressões não gramaticais', devemos conservar em mente que as regras da gramática só têm valor quando relatam os fatos lingüísticos. Tudo o que é geralmente aceito pode ser considerado correto"<sup>9</sup>.

Para Sweet, a gramática como ciência

"deveria observar os fatos da linguagem e só então classificá-los e arrolá-los metodicamente"<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> "...do not form, but register the language; do not teach men how they should think, but relate how they have hitherto expressed their thoughts". (Apud Bergen Evans. Grammar For Today, in *Introductory Readings on Language*, editado por Wallace L. Anderson e Norman C. Stageberg. New York, Holt Rinehart and Winston, edição revisada, 1966, p. 352.

<sup>7</sup> Idem, p. 355.

E na mesma obra observa:

"Limite-me a afirmações e explicações de fatos, sem tentar solucionar a correção relativa de usos divergentes. Se uma expressão não gramatical (ungrammatical) como 'it is me' tem aceitação generalizada entre pessoas educadas, eu a considero como tal, advertindo que é uma expressão evitada na língua literária"<sup>11</sup>.

Em 1909, Jespersen, o tradicionalista no bom sentido,<sup>12</sup> rejeita o dogmatismo no Prefácio da "Modern English Grammar":

"A minha preocupação neste trabalho tem sido apresentar a língua inglesa, não como um conjunto de preceitos dogmáticos rígidos, de acordo com os quais algumas cousas são corretas e outras são absolutamente erradas (incorretas), mas como algo vivo, desenvolvendo-se sob flutuações e ondulações contínuas, algo fundado no passado e que prepara o caminho para o futuro, algo que nem sempre é consistente ou perfeito, mas algo que progride e que é perfectível — numa palavra — algo que é humano"<sup>13</sup>.

No ensino de línguas estrangeiras, Jespersen<sup>14</sup> admite o papel prescritivo da gramática como sendo o mais importante. Entretanto, considera, de maior valor, uma gramática puramente descritiva, que, ao invés de servir de gula para a fala e a escrita, visa descobrir o que na realidade é dito ou escrito pelos falantes da língua investigada.

Grattan e Gurray, ao opor-se ao dogmatismo da Gramática Tradicional, escrevem:

"A Gramática de uma língua não é uma lista de regras impostas a seus falantes por autoridades escolares, mas é um inventário científico dos fenômenos atuais da língua, escrita ou falada. Se uma determinada comunidade habitualmente emprega determinadas formas lingüísticas, estas são parte da gramática da língua falada desta comunidade"<sup>15</sup>.

As atitudes autoritárias dos Gramáticos Tradicionais são condenadas por H. C. Wyld quando escreve:

<sup>8</sup> William Dwight Whitney. *Essentials of English*. Boston, 1877, p. 160.

<sup>9</sup> Henry Sweet. *A New English Grammar*, Vol I. Oxford, Clarendon Press, 1891, p. 5.

<sup>10</sup> Idem. Part I, p. 1.

<sup>11</sup> Henry Sweet. Ob. cit. p. XI.

<sup>12</sup> Mark Lester. *Introductory Transformational Grammar of English*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1971, p. 3.

<sup>13</sup> Otto Jespersen. *A Modern Modern English Grammar*. Heidelberg, 1909, I, Preface.

<sup>14</sup> Otto Jespersen. *Essentials of English Grammar*. Londo, George Allen and Unwin Ltd, 1933, p. 19-20.

<sup>15</sup> Grattan and Gurray. *Our Living Language*. London, Thomas Nelson and Sons, 1925.

"Uma gramática não deve tentar ensinar ao povo como deve falar. Pelo contrário, a não ser que seja uma gramática muito ruim ou muito velha. Uma gramática simplesmente constata como, na verdade, um determinado povo fala, no tempo da elaboração da gramática"<sup>16</sup>.

O antidogmatismo nas gramáticas e a valorização do uso da língua chegou a ter os seus adetos entre os próprios jornalistas como podemos verificar no editorial do "The Detroit Free Press":

"Deve-se ensinar aos estudantes que o falar correto é uma evidência de cultura e que, para falar correto, devem estar ao par das regras que governam o uso da língua"<sup>17</sup>.

Henry Sweet<sup>18</sup>, em 1899, chegou a falar em 'significant Sound-distinctions', termos que trazem, no bojo os conceitos de fonema e alofone, tão importantes nas análises estruturais nas quais a fonologia ocupa um lugar de relevância capital.

Harold Palmer, na 'Grammar of Spoken English',<sup>19</sup> além do título essencialmente estruturalista da gramática, adotou, na classificação das partes do discurso, um critério acentuadamente formal. O trabalho de Palmer precedeu, no mínimo de quinze anos, o trabalho de qualquer estruturalista genuíno.

#### IV — PRINCIPAIS OPOSIÇÕES ENTRE A GRAMÁTICA TRADICIONAL E A GRAMÁTICA ESTRUTURAL

Como já vimos, a Gramática Tradicional tenta classificar as palavras adotando os critérios semântico e funcional. A Gramática Estrutural recorre, por sua vez, aos critérios formais e sintáticos. Como exemplo típico de classificação estruturalista citamos "Latin: a Structural Approach" de Waldo Sweet.<sup>20</sup>

Para Sweet, sob o ponto de vista formal, o substantivo Inglês é toda a palavra que apresenta uma distinção entre o singular e o plural. Ex.: book — books. O verbo é a palavra que apresenta a) — uma distinção entre o singular e o plural da terceira pessoa do indicativo presente; b) — uma distinção entre o presente e o passado. Ex.: take — took. O adjetivo é a palavra que apresenta uma distinção entre a forma positiva, comparativa e superlativa. Ex.: big — bigger — biggest. O advérbio admite o sufixo -ly, ou simplesmente -y, quando o adjetivo termina por -l. Ex.: beautiful — beautifully, full — fully. Palavras que não têm a mesma ca-

16 H. C. Wyld. Elementary Lessons in English Grammar. Oxford, Clarendon Press, 1925, p. 12.

17 De um editorial do "The Detroit Free Press". Dezembro 9, 1928.

18 Henry Sweet. The Practical Study of Languages. Oxford University Press, 1964, p. 18. Primeira edição 1899.

19 Primeira edição: 1924.

20 Waldo Sweet. Latin: a Structural Approach. The University of Michigan Press, 1957.

racterística morfológica dos substantivos, verbos, adjetivos e advérbios, mas apresentam a mesma distribuição, recebem o nome de "nominal", "verbal", "adjectival", e "adverbial".

Do ponto de vista sintático, o substantivo Inglês é a palavra que se enquadra no padrão "The ..... is good" ou "..... is good". A subclasse dos pronomes é encontrada no caso subjetivo e objetivo. Têm a mesma distribuição dos substantivos mas não "formam" com os marcadores de substantivos "the" ou "a". O verbo se enquadra num ou mais padrões seguintes: "the man .....s the house". "The man .....s there". "The man .....s wise". O Adjetivo é a palavra que se enquadra nos padrões: "The ..... man arrived". "The man is .....". No Inglês, a maioria dos adjetivos é "adjectivals" precede o substantivo modificado. Segue o substantivo em certas locuções petrificadas como "God Almighty" e "Poet Laureate".

Entre os gramáticos tradicionais existe a tendência de classificar as palavras isoladas. Os Estruturalistas admitem a "transferência funcional" (functional shift) que pode ser definida como sendo a

"conversão de uma palavra para uma nova função sem o emprego de sufixo"<sup>21</sup>.

No Inglês, a transferência funcional torna praticamente inútil a classificação de palavras isoladas.

A Gramática Tradicional comumente descreve oito categorias de palavras. Fries, um dos Estruturalistas mais proeminentes, admite a existência de dezenove no Inglês. Quatro classes são "form words" que flexionam e correspondem, mais ou menos, às divisões tradicionais das palavras em "substantivos, adjetivos, verbos e advérbios". As "form classes" de Fries constituem classes abertas que, por natureza, admitem novos integrantes e se opõem às "function words" que, por função, ajudam na estrutura do período e constituem classes fechadas, i. é, não admitem novos integrantes. Os estruturalistas consideram como uma falha importante da Gramática Tradicional o fato de ela ter desenvolvido categorias para os sistemas linguísticos europeus, cuja aplicação é inadequada para a maioria das línguas não européias.

Os Estruturalistas alegam que a Gramática Tradicional depende de apreciações subjetivas e que as suas definições só podem ser verificadas intuitivamente. Em reação, os Estruturalistas começaram a concentrar as atenções nos fatos do processo comunicativo que podem ser observados objetivamente, tais como a articulação dos fonemas pelo falante e a audição humana. Os fonemas e a sua combinação sistemática, constituem, para os Estruturalistas, exemplos de dados linguísticos observáveis.

21 L. M. Myers. The Patterns of Grammar — in Introductory Readings on the English Language. Richard Braddock, editor. Englewood Cliffs, N. J. 1959, p. 101.

Os Estruturalistas têm a impressão de que a Gramática Tradicional não só confunde a língua escrita com a língua falada mas concentra as atenções naquela. Os exercícios dos livros textos contém períodos extraídos de obras literárias, sem uso provável na língua falada. A Gramática Estrutural rebelar-se contra a ênfase na língua escrita e aponta inúmeras razões que revelam a superioridade da língua falada sobre aquela e exige a sua presença no ensino. Os Estruturalistas dão novas dimensões à gramática, estudando, em capítulos especiais, a entoação, a acentuação, as juncturas e outros elementos lingüísticos que só aparecem na língua falada. Uma política de conciliação é necessária. Tanto a língua falada como a escrita têm a sua importância. É uma importância diferente e o ensino deve preocupar-se com ambas.

Os Estruturalistas condenam o papel normativo da Gramática Tradicional. Para os Tradicionalistas é possível e necessário estabelecer normas lingüísticas que orientam o uso. Pressupõem um modelo de correção. Sentem problemas em localizar tal modelo. Os Estruturalistas admitem que normas podem e devem ser dadas, baseadas, não na imaginação, nem num modelo fictício, mas num exame minucioso dos fatos lingüísticos. Saussure já havia apontado a tendência normativa da Gramática Tradicional ao escrever:

"...es normativa y cree deber promulgar reglas en lugar de consignar hechos"<sup>22</sup>.

Os Estruturalistas apontam a inconsistência interna e a impraticabilidade da Gramática Tradicional para a descrição de uma língua falada. Empregos que não se sujeitam às regras normativas são considerados não gramaticais.

As fraquezas da Gramática Tradicional, diz Bolinger,<sup>23</sup> nascem do fato de ser, nem empírica, nem experimental. Ignora, na opinião de F. de Saussure,

"partes enteras de la lengua, por exemplo, la formación de palabras"<sup>24</sup>.

De fato. Não existe o conceito de fonema, nem o conceito de morfema. Em consequência, predomina a fonética e os estudos morfológicos deixam muito a desejar.

A Gramática Tradicional facilmente confunde os eixos sincrônico e diacrônico. Ferdinand de Saussure também se havia referido a este fato ao ensinar que a Gramática Tradicional

22 Ferdinand de Saussure. Curso de Linguística General. Buenos Ayres, Editorial Losada, S. A. p. 150

23 Dwight Bolinger. Aspects of Language. Harcourt, Brace and World, Inc. New York, p. 186.

24 Curso de Linguística General. p. 150.

"Cabalga sobre dos dominios, por no haber sabido distinguir bien entre los estados y las sucesiones"<sup>25</sup>.

A Gramática Tradicional sofre a influência da lógica. Os Estruturalistas não querem dar a entender que a lógica não tenha o seu lugar na linguagem ou que simplesmente podemos ignorá-la quando falamos ou escrevemos. O erro da Gramática Tradicional consiste em estabelecer um vínculo demasiadamente estreito entre a lógica e a gramática.

Com o advento do Estruturalismo houve, sem dúvida, uma tendência de menosprezar os trabalhos tradicionais. Como afirma Mark Lester,<sup>26</sup> a Gramática Tradicional, com conotação pejorativa, vem a ser uma confusão da gramática prescritiva e descritiva, que visa a correção de hábitos lingüísticos por métodos artificiais. Com conotação positiva, rotula o trabalho de grandes mestres tradicionais como Jespersen, cuja metodologia terá a sua presença garantida entre os pesquisadores enquanto durar a investigação do fenômeno lingüístico. Um mal bastante generalizado entre os Estruturalistas é o de ignorarem, voluntariamente ou não, os trabalhos tradicionais. Paul Roberts no seu "Patterns of English" escreve: "a gramática tradicional não distingue formalmente todas as subcategorias de verbos". Paul Roberts admite um total de doze, quatorze ou mesmo dezesseis subcategorias. Um exame rápido do "The Advanced Learner's Dictionary", obra tradicional, revela a subdivisão dos verbos ingleses em vinte e cinco subcategorias.

Apesar de combatida pelos Estruturalistas, a força da Gramática Tradicional é espantosa. Os Estruturalistas mais ferrenhos, apesar de julgarem-na de "não científica", jamais conseguiram desvencilhar-se, por completo, de sua influência. Em 1952, Charles Fries surgiu com "The Structure of English", baseado na análise de um "corpus" que não passava de conversas de telefone. No intuito de livrar-se de preconceitos tradicionais, substituiu a terminologia da Gramática Tradicional por uma terminologia neutra. Fries chegou à conclusão que na língua inglesa existia uma "classe 1" de palavras, uma "classe 2", uma "classe 3" e uma "classe 4". As quatro classes de Fries têm uma semelhança flagrante com as classes conhecidas entre os tradicionalistas como substantivos, verbos, adjetivos e advérbios. Fries mudou o rótulo da mercadoria. Esta continua a mesma. Fries chegou às suas classificações de um modo objetivo.

No capítulo terceiro de "The Structure of English", o mesmo autor se preocupa com os tipos de períodos. A Gramática Tradicional Inglesa classifica-os em simples, compostos e complexos, bem como em declarativos, interrogativos, exclamativos e imperativos. Fries não condena as classificações tradicionais do período. Limita-se a criticar o modo como foram definidas.

25 Curso de Linguística General. p. 151.

26 Mark Lester. Introductory Transformational Grammar of English. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1971, p. 3.

Na obra "A Short Introduction to English Grammar",<sup>27</sup> Sledd elimina os critérios semântico e lógico das definições e ao classificar o vocabulário recorre aos critérios formal e sintática. O substantivo, o pronome, o verbo, o adjetivo e o advérbio são identificados pela forma. O nominal (nominal), o verbal (verbal), o adjetivado (adjectival) e o adverbial (adverbial) são identificados pela posição pois não apresentam as características formais de nome, verbo, adjetivo e advérbio. Sledd, entretanto, não elimina a terminologia tradicional como nome (noun), verbo (verb), adjetivo (adjective), advérbio (adverb), predicado (predicate), complemento (complement), redefinindo-a para ajustá-la ao critério estrutural.

Cattell afirma que

"Os Gramáticos Estruturais, como Fries, preocupavam-se muito mais com a descrição dos constituintes, eram excessivamente sistemáticos no seu estudo, mas não foram os seus inventores"<sup>28</sup>.

Alguma descrição dos constituintes imediatos sempre existe na Gramática Tradicional. Períodos são divididos em orações, orações em sujeitos e predicados, os sujeitos e os predicados em locuções, etc.

## V — A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL

### Histórico e Características

É um esboço biográfico de Chomsky. Nasceu em Filadélfia, no dia 7 de dezembro de 1928. Estudou, desde cedo, lingüística, lógica, psicologia e filosofia. É professor do MIT, interessado em filosofia, psicologia e matemática. É, antes de tudo, um lingüista. Chomsky é caracterizado por uma grande originalidade e muito rigor científico. Os seus trabalhos são difíceis, tanto para os Gramáticos Tradicionais como para os Estruturalistas. Hoje, os lingüistas do mundo inteiro estão debruçados sobre as obras de Chomsky e dos seus seguidores, procurando entendê-la e aplicá-la. Cumpre-se a profecia da ancã que no dia 16 de abril de 1955, após a conferência de Noam A. Chomsky, intitulada "Semantic Considerations in Grammar",<sup>29</sup> se afastava do "Multi-lingual Room" do "Institute of Languages and Linguistics" da Georgetown University exclamando: "That young man Chomsky will go far"<sup>30</sup>. Chomsky foi longe. Dois anos após surgia "Syntactic Structures", obra pioneira na qual aparecem delineadas as idéias iniciais de Chomsky referentes à Gramática Transformacional.

<sup>27</sup> A Short Introduction to English Grammar. Chicago, 1959.

<sup>28</sup> N. R. Cattell. The Design of English. Melbourne, Helmann, 1966, p. 19.

<sup>29</sup> A. N. Chomsky. Semantic Considerations in Grammar. Report on the Sixth Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Teaching — Monograph Series on Languages and Linguistics — Number 8, September 1955, p. 141.

<sup>30</sup> Fato presenciado por inúmeros participantes do "Sixth Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Teaching."

Vejamos as suas características. A Gramática Transformacional não analisa os dados de um "corpus". Procura demonstrar como os falantes de uma língua são capazes de produzir orações gramaticais. Verifica que os falantes de uma língua, freqüentemente emitem orações, jamais ouvidas anteriormente. Este fato leva a crer que, dispondo de tempo suficiente, um falante poderia produzir um número infinito de novas orações. A mente do falante é, entretanto, de capacidade limitada e não poderia conter um número infinito de orações. Os falantes de uma língua devem, por isso mesmo, ter a seu dispor um conjunto de regras, já interiorizadas, limitadas em número, que possibilitam, potencialmente, todas as orações. Os Transformacionalistas ignoram a natureza de tais regras pelo fato de não serem observáveis diretamente depositadas na mente humana. A teoria da linguagem dos Transformacionalistas tem a forma de um conjunto de regras, todas simbólicas, que o falante já interiorizou.

Na Gramática Transformacional, a competência vem a ser o conhecimento subconsciente, intangível, da parte do falante, de um conjunto de regras lingüísticas que constituem a gramática da língua. Uma gramática, na acepção transformacionista, representa a competência. O termo regras não deve ser tomado no sentido tradicional, normativo, mas matemático. Na matemática, uma fórmula tem a propriedade de poder ser aplicada, à medida da necessidade. As fórmulas da matemática são recursivas, i. é, estão à disposição do matemático para as ocasiões oportunas. Uma regra lingüística (gramatical) também pode ser simbolizada por uma fórmula e é essencialmente recursiva. Não existe, em teoria, limitação na sua aplicação. A gramática, pelo fato de representar a competência é, portanto, um conjunto de regras que especificam o conjunto infinito de orações de uma língua. Ela assinala uma descrição estrutural para cada oração. Mais de que uma, se a oração for ambígua.

A atuação (performance) vem a ser o uso das regras gramaticais. É o produto tangível da competência e a aplicação das fórmulas lingüísticas. É essencialmente limitada. Podem limitá-la o tempo, a memória, o esgotamento, o nervosismo, a ira e outros fatores.

Os Transformacionalistas acham que, antes de explicar a atuação do falante, o lingüista deve explicar a sua competência. Em outras palavras: antes de explicar o uso de regras, já interiorizadas, o lingüista deve especificar a natureza de tais regras. A Gramática Transformacional é uma teoria da competência e não uma teoria da atuação.

Pela metodologia, a Gramática Transformacional é dedutiva. Como tal, inicia com as regras abstratas e pouco dirige-se aos dados concretos para a verificação das regras formuladas. A Gramática Transformacional valoriza o aspecto criador da descoberta científica, valoriza as hipóteses.

De acordo com a conceituação transformacionista, uma criança se aproxima dos dados lingüísticos de um modo dedutivo. Ela deduz a gramática da própria língua de princípios gerais, inatos, que estão na base das línguas faladas pelos seres humanos. Estes princípios gerais, abstratos, ficam além da consciência da criança.

Na opinião transformacionalista, a nossa mente ignora, por completo, os passos dados no processo complexo da aprendizagem de uma língua. O fato é explicável: o por em prática de uma habilidade envolve competências inatas que ficam além do nosso conhecimento consciente e do nosso controle. Será sempre difícil para um Didi explicar, como, na realidade, consegue o efeito da "folha-seca". A Gramática Transformacional, em boa hora, separou claramente a competência lingüística inata da atuação lingüística concreta. A competência existe. O difícil é explicar como ela existe.

A Gramática Transformacional tem a habilidade de predizer os dados lingüísticos. Como obrigação prediz o total das orações gramaticais possíveis de uma língua.

Chomsky admite dois tipos de estruturas lingüísticas: a estrutura profunda e a estrutura superficial. Esta vem a ser a estrutura aparente, tangível, da oração que determina o seu caráter fonético. Aquela é a representação do significado da oração. Quando aplicamos transformações gramaticais às estruturas profundas, obtemos estruturas de superfície.

Na fala ocorrem as estruturas de superfície e não as estruturas profundas. Temos acesso a estas, partindo daquelas. O modo pelo qual os falantes têm acesso às estruturas superficiais das orações que ouvem e o modo como formam estruturas superficiais quando falam ou escrevem, continua um mistério para os lingüistas. Graças à sua complexidade, certas estruturas de superfície, não nos permitem um acesso imediato às estruturas profundas.

Quando a estrutura de superfície pode ser derivada de duas estruturas profundas diferentes, temos um caso de ambigüidade. Esta tem como origem, duas ou mais interpretações semânticas, possíveis, por razões sintáticas, dadas ao mesmo enunciado. Em outras palavras: a ambigüidade provém do fato de uma forma ter mais do que um significado.

O oposto da ambigüidade é a paráfrase, definida como sendo a incorporação de um significado em duas ou mais formas lingüísticas. A Gramática Transformacional explica a ambigüidade, especificando as estruturas profundas da oração.

Chomsky admite que todas as línguas devem ser estruturalmente similares. Uma estrutura lingüística comum é geneticamente transmitida a todos os seres humanos. Difere a estrutura periférica das línguas. Cada criança aprende, pela experiência, uma ou mais estruturas periféricas. Apesar das diferenças superficiais, as milhares de línguas faladas pelos seres humanos do mundo, não passam de variações do mesmo tema estrutural.

Encontramos, na Gramática Transformacional, a valorização do falante nativo. A ele compete decidir:

- 1) — se uma oração é gramatical ou não;
- 2) — se duas orações são igualmente gramaticais ou igualmente não gramaticais;
- 3) — se uma oração é mais gramatical do que outra;
- 4) — se duas orações significam a mesma coisa, i. é, se são paráfrases;

5) — se duas orações têm mais do que um significado, i. é, se são ambíguas.

6) — se a relação das partes em relação ao todo é a mesma ou diferente do que a relação das partes em relação ao todo em outra.

Necessitamos, neste momento, uma definição de oração gramatical e de oração não gramatical. Definimos a primeira como sendo uma oração básica ou uma oração transformada, resultado de uma transformação permitida pelo sistema lingüístico. Em outras palavras: uma oração gramatical é uma oração básica ou uma transformação que na gramática da língua vem representada por uma fórmula. Uma oração não gramatical é, nem oração básica, nem oração transformada. Na gramática da língua não existe fórmula que a represente.

Chomsky explora a intuição do falante nativo. Esta pode ser definida como sendo o conhecimento inconsciente de uma língua, comum a todos os falantes nativos da mesma, que os habilita a falar e compreendê-la, a emitir pareceres concernentes à gramaticalidade e à estrutura das orações. Na opinião de Chomsky, uma gramática deve

"dar uma explicação correta da intuição lingüística do falante nativo"<sup>31</sup>.

No estudo de uma língua, a confiança na intuição do falante nativo é essencial.

## VI — ALGUNS PRECURSORES DA GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL

Entre os gramáticos tradicionais encontramos vários que podem ser considerados os inspiradores da obra de Chomsky. A "Gramática Speculativa" de Tomás de Erfurt, escrita no início do século quatorze, oferece uma série de semelhanças com as teorias de Chomsky.

Grandes afinidades com a gramática de Chomsky são encontradas na "Minerva", escrita pelo humanista espanhol Francisco de las Brazas. Publicada em 1585, foi imitada, um século mais tarde, numa obra mais conhecida, escrita por Claude Lancelot, chamada "Grammaire Générale et Raisonné", também conhecida sob o nome de "Grammaire de Port-Royal". Sanchez e Lancelot defendem o ponto de vista que línguas individuais têm as suas formas individuais, extraídas de uma unidade subjacente, comum a todas as raças. Vemos aqui, mais do que claro, o aspecto dos universais lingüísticos. A existência deste aspecto entre os gramáticos foi estimulada, na Europa, pela situação lingüística reinante durante a Idade Média. O Latim era o veículo da aprendizagem e a língua da Igreja. As línguas vernáculas eram o veículo do comércio e da comunicação diária. Pouco a pouco, os vernáculos regionais foram, por assim dizer, dignificados, recebendo a missão de substituir o Latim, numa de suas funções específicas: na função da aprendizagem. O Latim já não era a língua "superior". Os

<sup>31</sup> The Logical Basis of Linguistic Theory, p. 924.

cientistas, entretanto, conhecedores do Latim, consideravam-se espiritualmente unidos por este, formando, assim, uma comunidade mística. Muitas línguas vernáculas eram aparentadas, tendo o Latim como origem comum. As línguas vernáculas representavam a diversidade, a diferença superficial. O Latim era o símbolo da imutabilidade, da unidade subjacente, comum na origem, a todas as línguas vernáculas.

O aspecto dos universais lingüísticos também tem um dos seus precursores no cientista alemão W. von Humboldt que já afirmava:

"A linguagem não poderia ser inventada se o seu tipo não existisse previamente na mente humana"<sup>32</sup>.

Humboldt não é menos claro a respeito dos universais lingüísticos quando escreve:

"A forma de todas as línguas deve ser idêntica na sua essência e deve corresponder ao objetivo geral. Só pode existir variedades nos meios (de realização) e dentro dos limites que permite o alcance do fim"<sup>33</sup>.

Um dos aspectos da teoria de Chomsky consiste no estudo rigoroso das relações de associação. Chomsky prefere o termo "transformações", extraído da terminologia dos matemáticos.

O conceito de transformação lingüística também teve os seus precursores nos autores da gramática e da lógica de Port-Royal que claramente admitem uma relação entre "Pierre vit" e "Pierre est vivant"; Dieu invisible a créé le monde qui est visible", "Dieu est invisible — il a créé le monde — le monde est invisible"<sup>34</sup>.

O cartesiano, G. de Cordemoy<sup>35</sup>, forneceu a Chomsky o conceito da "competência" lingüística e a concepção gerativa da gramática.

O aspecto da "criatividade" lingüística já ocupava um papel de destaque na lingüística Americana, especialmente na obra do mentalista Edward Sapir, tendo sido negligenciado por seus sucessores. Na obra de Chomsky, a criatividade lingüística aparece em primeiro plano.

Chomsky também reinterpreto o conceito Saussureano de "langue" e "parole" sob as novas denominações de "competência" (competence) e "atuação" (performance), tomando a competência como o objeto dos seus estudos lingüísticos. O próprio Chomsky escreve:

32 Apud Iorgu Iordan. *Linguistica Romanica*. Ediciones Alcalá, Madrid, 1967, p. 184.

33 Idem. p. 184.

34 *Grammaire générale et raisonnée...*, Paris 1660, p. 68-69, 91 e segs.

35 G. de Cordemoy. *Discours physique de la parole*, Paris, 1668.

"A prioridade lógica do estudo da langue... parece inevitável."<sup>36</sup> Chomsky também adverte que

"...a descrição da competência, feita pela gramática, não deve ser confundida com um relato efetivo da atuação."<sup>37</sup>

Jespersen, no livro "Essentials of English Grammar" tem verdadeiros lances de transformacionista. Vejamos o que escreve a respeito dos pronomes reflexivos:

"Há uma tendência de livrar-se (to get rid of) desses pronomes toda a vez que não existir perigo de ambigüidade"<sup>38</sup>.

Um transformacionista simplesmente substituiria a expressão "to get rid of" por "to delete". Na mesma citação aparece claro o conceito de transformação opcional. Jespersen também se preocupa com o problema da "ambigüidade" que encontra uma solução específica na obra de Chomsky.

Os lingüistas, às vezes, descobrem aquilo que professores de línguas modernas já praticavam. O conceito de "transformação" não era novo aos professores. Antes de Chomsky, todos já consideravam a voz passiva como um resultado de uma transformação da voz ativa. Faltava o termo "transformação" cujo conceito estava latente nas salas de aula. Só faltava uma teoria segura como base à atividade didática. Podemos afirmar que os conceitos transformacionistas estão implícitos em todas as gramáticas práticas, escritas nos últimos cem anos.

E por que não fazer uma referência aos nossos velhos professores de alemão que nas aulas de composição faziam um apelo constante ao "mehr Sprachgefühl, i. é, mais intuição lingüística, intuição essa, oficialmente valorizada por Chomsky.

Em 1943, Viggo Brondal, via a necessidade de

"Reencontrar na linguagem os conceitos da lógica, que haviam sido elaborados pela filosofia desde Aristóteles até os nossos dias"<sup>39</sup>

A influência que Harris teve sobre Chomsky é uma das coisas mais impressionantes da História da Lingüística. Harris é o mestre, Chomsky, o discípulo. Chomsky é devedor a Harris. Este, amiudadamente, agradece a colaboração de Chomsky. Já no prólogo do seu "Structural Linguistics", escrito em janeiro de 1947, Harris menciona a colaboração valiosa de Chomsky:

"N. Chomsky has given much-needed assistance with the manuscript"<sup>40</sup>.

Um dos pontos de partida das investigações lingüísticas de Chomsky está nos métodos de análise estrutural, desenvolvidos por Harris. Foi grande a influência que Harris exerceu sobre Chomsky. A dívida de Chomsky com o mestre é reconhecida em vários lugares, especialmente no prólogo de "Syntactic Structures":

36 *The Logical Basis of Linguistic Theory*, p. 916.

37 Idem. p. 915.

38 Otto Jespersen. *Essentials of English Grammar*. London, George Allen and Unwin Ltd, 1960, p. 111. Primeira edição: 1933.

39 Viggo Brondal. *Essays de Linguistique Générale*. Copenhague, 1943, p. x.

40 Zellig S. Harris. University of Chicago Press, 1947, p. V.

"Durante todo o período desta pesquisa tive o benefício de debates freqüentes e prolongados com Zellig S. Harris. Tantas são as suas idéias e sugestões incorporadas no texto abaixo e na pesquisa que lhe serve de base, que não tentarei indicá-las como referências especiais"<sup>41</sup>.

No trabalho "Co-occurrence and Transformation in Linguistic Structure"<sup>42</sup>, Harris, por sua vez, reconhece o que as suas investigações sobre a análise do discurso, especialmente aquelas que o levariam ao estudo do conceito de transformação, devem aos colóquios com Chomsky. Em Chomsky, o conceito de transformação surge elaborado, dotado de propriedades formais e funcionais novas.

Além dos precursores mencionados, inúmeros são os estudiosos da linguagem que, direta ou indiretamente, tiveram alguma influência sobre Chomsky. Ne Nelson Goodman, Chomsky aprendeu os sistemas construcionais. De Goodman e Quine absorveu a sintaxe nominalista. Da obra de Emil L. Post hauriu os sistemas combinatórios. Ao longo de sua obra, Chomsky menciona meticulosamente os seus predecessores, dando-nos um exemplo de honestidade intelectual digno de ser limitado.

#### VII — PRINCIPAIS OPOSIÇÕES ENTRE A GRAMÁTICA ESTRUTURAL E TRANSFORMACIONAL

Os Transformacionalistas, de modo algum, concordam com a teoria da aquisição da linguagem, proposta pelos Estruturalistas. Para Fries, a criança aprende a língua da sociedade, associando as formas lingüísticas com as situações que as provocam. Para os Transformacionalistas, o termo "associação" não é, nem explicação, nem descrição de um processo. É meramente um rótulo, dado a um processo não observável, que os Estruturalistas supõem realizar-se. No parecer dos Transformacionalistas, a teoria estruturalista da aquisição da linguagem é inadequada pelo fato de não explicar a fabulosa criatividade da linguagem humana.

Os Estruturalistas, preocupados com fatos comprováveis, não tentam explicar a intuição lingüística. Convém libertar as descrições de julgamentos subjetivos. No Estruturalismo, a lingüística deve atingir a objetividade da física e da química. Os Estruturalistas exigem a presença do rigor científico na lingüística. A mesma preocupação levou-os a concentrar as atenções na estrutura de superfície dos enunciados, em detrimento da estrutura profunda. Chomsky condena a atitude pseudo empírica dos Estruturalistas, adota uma atitude mais racional e aceita a introspecção.

Em consequência da abordagem empírica, surgiu entre os Estruturalistas, a rejeição dos universais lingüísticos. Estruturalisticamente falando, as línguas podem divergir de um modo ilimitado.

O significado lingüístico sempre constituiu um tema importante e penoso de pesquisa. Os Estruturalistas, no afã de rejeitar tudo o que vinha da Gramática Tradicional e influenciados por uma posição behaviorista exagerada, encaram o significado lingüístico com reservas. O advento da Gramática Transformacional introduziu uma mudança radical em tal atitude.

41 Syntactic Structures, p. 6.

42 Language, Volume 33, number 3 (Part 1), July-September 33, p. 283, nota 1.

Os Transformacionalistas chegam à conclusão que não é anticientífico estudar os fenômenos mentalísticos, tais como o significado. Verificam, em consequência, não só a estrutura gramatical aceitável do período como a sua admissibilidade sob o ponto de vista semântico.

Para os Estruturalistas, a ambigüidade é o resultado da ausência na frase de marcadores estruturais (structural signals). A ambigüidade não existiria se o marcador estrutural estivesse presente. Chomsky admite casos de ambigüidade que nada têm a ver com a ausência de marcadores estruturais e em "Syntactic Structures" cita o exemplo:

"The shooting of the hunters"

que pode significar:

- 1) — "the hunters sho something" ou
- 2) — "someone shot the hunters".

Para os Transformacionalistas, a ambigüidade existe numa estrutura de superfície quando esta corresponde, na estrutura profunda, a duas ou mais estruturas sintáticas.

Os Estruturalistas falharam em produzir gramáticas completas. Produziram boas análises fonêmicas e morfológicas. Os estudos sintáticos não passavam de simples esboços, e a semântica era deixada no esquecimento, rejeitada como não lingüística ou, então, julgada de difícil penetração. São os Transformacionalistas que se embrenham no campo da sintaxe e da semântica, tomando a "sentence" como o ponto de partida de qualquer análise.

Os Estruturalistas, seguidores de Sapir e, especialmente, de Bloomfield, descreviam os sistemas lingüísticos. Entretanto, ignoravam o modo como as línguas operavam. Em termos técnicos: não estabeleciam a distinção entre estados e operações. A Gramática Transformacional procura descrever as operações lingüísticas. Para a consecussão de tal objetivo descreve os vários estados lingüísticos. A grande pergunta da lingüística atual é a seguinte: qual o melhor método de descrever tanto os estados como as operações.

A divisão de estruturas sintáticas em dois constituintes imediatos, como era costume entre os Estruturalistas, já causou muita perplexidade. Quais são, no exemplo já clássico, os constituintes imediatos de "Did the little girls walk to the store"? As experiências, levadas a efeito no campo da tradução simultânea, já provaram que o problema dos constituintes tem sido mal formulado. Os Transformacionalistas, a essa altura, já provaram que a divisão de uma estrutura sintática pode ser múltipla, descontinua e não só binária.

Na opinião dos Estruturalistas, o aprendizado de uma língua estrangeira depende, em grande parte, do material lingüístico bem estruturado. Esquecem-se da situação. Na opinião dos Transformacionalistas, temos aqui um desprezo formal da contribuição que pode ser dada, no aprendizado, pelo aluno. Para os Estruturalistas, preocupados com a apresentação e o controle de estruturas, o estudante não passa de um gerador de interferências maléficas. Esquecem-se que aprender uma língua significa, antes de tudo, empregá-la nas ocasiões apropriadas.

A ênfase posta nas estruturas lingüísticas no ensino de línguas teve, entre Estruturalistas, uma conseqüência imediata: a supervalorização do papel do professor na sala de aula, sendo o aluno reduzido a simples autômata que repete mas não pensa. Reagindo, os Transformacionalistas tentam a apresentação ordenada de estruturas nos exercícios, aliando-a à apresentação ordenada de situações. Com o advento da Gramática Transformacional, o estudante precisa de condições para aprender uma língua.

Estas são fornecidas pelo uso da língua em condições normais e por exercícios de reforço.

O fenômeno da interferência lingüística na aprendizagem de línguas estrangeiras é posto em dúvida por alguns Transformacionalistas que explicam:<sup>43</sup> um estudante é motivado a atuar (falar, escrever, compreender, etc.) na língua estrangeira, pelo professor, por colegas, ou por outras forças externas. Na expressão, recorre a elementos da língua que já conhece para o preenchimento de claros que naturalmente aparecem na língua estrangeira. Para certos Transformacionalistas, não há, portanto, interferência. Há um simples preenchimento de claros, de pontos ignorados, que desaparecem gradativamente com o estudo posterior. Poucos Transformacionalistas admitem, no combate à interferência, os exercícios sistemáticos, baseados sobre contrastes estruturais de duas línguas.

Num livro texto, de orientação estrutural, o ensino cresce em sentido vertical, através de três níveis estruturais. O primeiro trata do sistema sonoro, ou da fonologia da língua. O nível imediatamente superior estuda as formas significativas. É a morfologia. O nível mais alto analisa o modo como as palavras se concatenam para a formação de frases. É a sintaxe.

Um livro texto, inspirado pela Gramática Transformacional, provavelmente apresentaria o material didático na seguinte ordem:

- 1) — orações básicas da língua;
- 2) — a expansão de orações básicas;
- 3) — vocabulário novo da língua em orações básicas;
- 4) — a fonologia da língua.

Na Gramática Transformacional o ensino da fonologia e da morfologia decresce de importância. Tornam-se menos numerosos os exercícios que visam o ensino de fonemas segmentais e suprasegmentais.

A Gramática Transformacional, ao contrário da Gramática Estrutural, adota a noção de regra geradora, rigorosamente formulada. Apresenta, portanto, um aspecto criativo de importância capital, deduzida da própria afirmação de Chomsky:

<sup>43</sup> Ver os artigos: "Grammatical Theory and the Teaching of English as a Foreign Language" de Leonor Newmark e David A. Reibel, reeditados por Mark Lester em "Readings in Applied Transformational Grammar". Holt, Rinehart and Wiston, INC.

"Uma teoria da linguagem que negligencia este aspecto criativo é de interesse secundário"<sup>44</sup>.

A Gramática Transformacional opõe-se à Gramática Estrutural por um princípio básico. Deu-se conta do fato de que todo o falante pode emitir e compreender um número ilimitado de frases inéditas. A Gramática Estrutural, na melhor das hipóteses, dá conta de um "corpus" limitado.

Para os Estruturalistas, uma pergunta básica é a seguinte: "Donde veio a gramática. A pergunta básica de um Transformacionalista é: até que ponto a gramática é aplicável?"

O Estruturalismo divide a Gramática em fonologia, morfologia e sintaxe. Chomsky a divide em "regras da estrutura frasal", "regras transformacionais" e "regras morfofonêmicas".

A lingüística de Chomsky visa no seu estudo o "utilizador" da "língua". excluído das considerações do lingüista na lingüística Bloomfieldiana, interessada no ato da transmissão da mensagem, i. é, na "parole".

A Gramática Estrutural admite que o estudo de um determinado sistema possa ser feito por um lingüista que ignora o referido sistema. Na Gramática Transformacional, o lingüista deve falar a língua que descreve, pois os Transformacionalistas exigem a presença da "intuição" que só pode existir num falante nativo. Surgem, em conseqüência, da parte dos Transformacionalistas, duas conclusões diante das análises contrastivas. Primeiro, acham essencial que o lingüista, na formulação de regras contrastivas, recorra, constantemente, ao conhecimento lingüístico interiorizado (Intuição) das línguas contrastadas. Em outras palavras, exigem que seja falante nativo das duas línguas. Segundo, acham que um Transformacionalista é apto de contrastar, não só as estruturas superficiais, mas as próprias estruturas profundas de dois sistemas lingüísticos, o que torna uma análise contrastiva bem mais completa.

A Gramática Estrutural (bem como a Tradicional) é classificatória pelo fato de agrupar as palavras em classes. Na Gramática Transformacional, a classificação de palavras preocupa menos. Os Transformacionalistas criticam, de modo especial, o recurso ao critério formal, como critério classificador. Cada palavra é definida de acordo com o lugar que ocupa no sistema. A Gramática Transformacional admite vantagens em relações mais livres entre palavras em vez de enquadrá-las em classes rígidas. As perguntas, referentes à classificação, são respondidas, não implícita, mas explicitamente pela Gramática Transformacional.

Muitos Estruturalistas alegam que a Gramática Transformacional, no seu afã de proporcionar descrições completas de línguas, tornou-se extremamente rígida na formulação de suas regras e na descrição de sistemas gramaticais. Esta atitude rígida não permitiria a descrição da maioria dos dialetos e não solucionaria o problema da mudança gradativa de uma língua viva. Os Estruturalistas apontam a complexidade dos diagramas e fórmulas da Gramática Transformacional. Este problema tem sido mitigado, em parte, pelos popularizadores desta, que são Raul Roberts, Ralph Goodman, N. R. Cattell, Jacobs e Rosenbaum e outros.

<sup>44</sup> The Logical Basis of Linguistic Theory, p. 355.

Poderíamos continuar o trabalho apontando algumas oposições entre a Gramática Tradicional e a Gramática Transformacional.

#### VIII — CONCLUSÕES

Para finalizar achamos que nenhum estudo é perfeitamente monolítico. No Estruturalismo, uns continuam fiéis a certos princípios herdados da Gramática Tradicional. Outros tentam relegar o passado por completo. Estes interessam-se no sistema, aqueles na manifestação concreta, na "parole". Os próprios conceitos de Chomsky já foram reformulados em parte e nem tudo é ouro sobre azul na seara transformacionalista. Nunca houve, entre os lingüistas, uma unanimidade de pensamento e de método. As três Gramáticas, ora se encontram, ora se opõem, ora sobrepõem-se. Numa palavra, estão em distribuição complementar e formam uma verdadeira UNIDADE NA TRINDADE.